

*Ataliba*

Francisco da Silva Borba

(Unesp – Araraquara)

Vou falar primeiro do meu amigo Ataliba, sempre presente nas horas em que o amigo, um amigo é mais do que necessário. Conhecemos há mais de 30 anos, e ele nunca me faltou. Quando precisei da mão, ou do ombro, lá estava ele. Não é nada raro que, na vida, o riso e a lágrima se alternem com relativa freqüência, aquele comumente vem menos do que esta. E aí é que entram os amigos, melhor dizendo, um amigo: aquele que está sempre disponível; aquele que mais ouve do que fala; aquele que nunca se irrita com suas lamúrias ou mesmo com suas idéias; aquele que acolhe seu entusiasmo ou que ajuda a administrar seus momentos mais difíceis; aquele com quem você tem coragem de se abrir sem medo de receber um “é!” enfastiado. Aquele que, diante de uma dificuldade, um problema, uma desventura qualquer que você lhe leve, tem sempre um caso semelhante a emparelhar com o seu, como para lhe servir de consolo, ou de alívio, quem sabe. É muito fácil um amigo participar de suas horas alegres e/ou das luzes de sua casa. Mas nas horas de sombra, a presença se dilui, mesmo em casos de penumbra. E, por aí, o Ataliba é o amigo exemplar. Para mim, amizade e solidariedade, se não são sinônimos, estão em relação de implicação. Em nenhum momento desses nossos trinta anos deixou de funcionar a solidariedade inerente à personalidade, ao modo de ser desse meu amigo.

Em segundo lugar está o meu colega Ataliba, ele talvez mais colega do que os outros, mais etimológico – realmente *lemos pela mesma cartilha*. O interesse pelo mesmo objeto embora, talvez, trabalhando em interfaces diferentes. Começamos juntos, na época em que a Lingüística

entrava oficialmente nos currículos de Letras. Quanta viagem pra baixo e pra cima, tentando arrebanhar pessoal para a montagem do *corpus* do Português culto, falado nas cinco maiores capitais de Estado.

Lembro-me de uma vez, o Prof. Salum, ele e eu voltávamos do Recife, e eu tentava inculcar nele, Ataliba, os princípios básicos da Fonologia de Praga. Eu falava pelos cotovelos, ele me ouvia atentamente e ainda fazia perguntas. E eu falava, e o avião, um turbojato, trepidava enfrentando uma pequena turbulência, e eu falava em fonemas, alofones e traços pertinentes, e o Ataliba ali, atento. Só bem mais tarde é que ele comentou comigo:

*“É, naquela viagem, eu percebi que você ‘tava com medo’. Com medo de que o avião caísse e a gente já fosse diretamente encontrar o Troubetzkoy”. É a isso que eu chamo sabedoria, que necessariamente não é fruto de muito saber acumulado. É resultado, isso sim, de reflexão, de paciência, de tolerância e alguns outros ingredientes mais que fazem o homem e, conseqüentemente, o humanista diferenciado, expressão um tanto pleonástica, porque humanista tem que ser diferenciado mesmo. Esses inícios, apesar de um pouco tumultuados pela nossa inexperiência, pois funcionávamos quase como *free lancers*, contribuíram, entretanto, para a modernização dos estudos de língua, principalmente a língua vernácula, com o avanço cada vez mais firme da preocupação teórica e metodológica. É quando se introduzem, pra ficar, os enfoques sincrônicos. E aí o meu colega sobressai, não só pela sua refinada acuidade e sensibilidade na observação e seleção dos fatos, mas pela sua singular capacidade de montar e coordenar projetos de largo alcance, reunindo pesquisadores distantes nos espaços e, muitas vezes, manejando instrumental metodológico aparentemente incompatível para o tratamento do mesmo objeto – como foi o caso da *Gramática do Português Falado*. Pois ele*

está aí, ativamente cumprindo já uma terceira etapa na universidade. Sempre um exemplo pelo que faz e por como faz. Inteireza, seriedade, garra e determinação configuram o profissional, mas o que é mais importante, a lealdade, o estar sempre disposto a mostrar caminhos, nunca sonegar o que quer que seja. Esses traços, com os já selecionados acima, completam o homem, mas, mais ainda, o profissional das Letras, aquele que, pelo menos teoricamente, seria mais talhado para facilitar, pela comunicação, as interações humanas e, bem assim, amenizar um pouco as ambigüidades, as incompreensões, os mal-entendidos e subentendidos. Para mim, estaria por aí a procura do humanista diferenciado. E essa procura é, na verdade, um contínuo exercício de aquisição de sabedoria, o que se resume mais num saber resolver do que num saber fazer. E é tudo uma questão de convívio, de observação do comportamento, do modo de ser da pessoa. Só assim se descobrem afinidades, assim se percebe a essência das pessoas. E, note-se, esse convívio não significa necessariamente presença física, dia-a-dia, cotidiano, ombro a ombro, ou frente a frente. Pode ser também um acompanhamento à distância, com a condição de que não se perca de vista. É muito difícil e perigoso dizer que se conhece uma pessoa, que se chegou ao âmago, ao cerne de uma pessoa. Às vezes convivemos anos e anos com alguém e, de repente, descobrimos que não sabemos quem era ela.

Acho que posso dizer que conheço bem o meu amigo Ataliba. Quanto ao pesquisador, o professor, o administrador, os dados que tenho são mais do que suficientes para rotulá-lo, se é isso que se quer, como um profissional de primeira categoria, cinco estrelas pra valer.

Araraquara, novembro de 2001